

**COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DOS QUINTAIS AGROFLORESTAIS DO  
ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO, MUNICÍPIO DE CANUTAMA - AM**

**Kedna Feitosa dos Santos<sup>1</sup>  
Dayanne de Souza Carvalho<sup>2</sup>  
Larissa Carvalho Gato<sup>3</sup>  
Fábio Geraldo de Souza<sup>4</sup>  
Janaína Paolucci Sales de Lima<sup>5</sup>**

**RESUMO**

O quintal agroflorestal é a área ao redor da casa onde são realizados plantios de árvores, plantas medicinais e ornamentais, cultivo de grãos e hortaliças, e criação de animais, por exemplo, tornando-se um sistema de produção com potencial de utilização em pequenas propriedades, como é o caso dos assentamentos rurais brasileiros. O objetivo deste estudo foi caracterizar a composição e diversidade florística dos quintais agroflorestais rurais localizados no assentamento São Francisco, município de Canutama - AM. Foram inventariados 32 quintais agroflorestais. A composição florística dos quintais indicou grande riqueza de plantas, com o total de 140 espécies, sendo 64 medicinais e 42 alimentares. Observou-se baixa similaridade entre os quintais quanto à composição florística, utilizando o Índice de Jaccard. As espécies são cultivadas, principalmente, para o uso familiar, promovendo o bem-estar e o tratamento de doenças. A grande diversidade de plantas observada nos quintais é um reflexo do fato de os assentados procurarem cultivá-las visando, em especial, a sua sobrevivência e subsistência.

**Palavras-chave:** Espécies vegetais; Etnobotânica. Etnoecologia; Agricultura familiar.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Engenharia Ambiental no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM). E-mail: kedina19.feitosa@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Ciências Ambientais pelo Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM). E-mail: dsc1993.dc@gmail.com

<sup>3</sup> Engenheira Ambiental pelo Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM). E-mail: larissambiental@gmail.com

<sup>4</sup> Graduando em Ciências: Biologia e Química no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM). E-mail: fgeraldodesouza@gmail.com

<sup>5</sup> Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora Associada I da Universidade Federal do Amazonas e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UFAM). E-mail: paolucci@ufam.edu.br

## FLORISTIC COMPOSITION OF AGROFORESTRY BACKYARDS IN THE SAN FRANCISCO SETTLEMENT, MUNICIPALITY OF CANUTAMA - AM

### ABSTRACT

The agroforestry backyard is the area around the house where tree plantations, medicinal and ornamental plants, grain cultivation and vegetables, and animal husbandry are carried out, for example, becoming a production system with potential for use in small properties, as is the case with Brazilian rural settlements. The objective of this study was to characterize the composition and floristic diversity of rural agroforestry backyards located in the San Francisco settlement, municipality of Canutama - AM. 32 agroforestry backyards were inventoried, the floristic composition of the backyards indicated a great wealth of plants, with a total of 140 species, being 64 medicinal and 42 food. Low similarity was observed between the backyards in terms of floristic composition, using the Jaccard Index. The species are cultivated mainly for family use, promoting well-being and treating diseases. The great diversity of plants observed in the backyards reflects the fact that the settlers seek to cultivate them, aiming, in particular, for their survival and subsistence.

**Keywords:** Plant species; Ethnobotany; Ethnoecology; Family farming.

### 1 INTRODUÇÃO

Os quintais agroflorestais correspondem a uma área ao redor da casa onde são feitos plantios de árvores, cultivo de hortaliças, grãos, plantas ornamentais, medicinais e criação de animais na mesma unidade de terra (RONDON NETO et al., 2004). Esse espaço produtivo permite que a unidade de produção familiar garanta a segurança alimentar da família, além de ser uma alternativa econômica viável para os agricultores familiares (PEREIRA et al., 2010).

Conforme Rosa et al. (2007), os quintais agroflorestais também se constituem em sistemas decorrentes do acúmulo e transmissão de conhecimentos de populações tradicionais, entre gerações, por meio da tradição oral. De forma complementar, a questão cultural consiste em um importante fator para a descrição da composição florística dos quintais na região amazônica. Nesse viés, a paisagem cultural do bioma da Amazônia, estudada, por exemplo, pelo pesquisador Balée (1989), remete à intervenção do homem sobre o ambiente físico a partir de tempos pré-históricos, com ações diretas e indiretas.

A Etnoecologia está voltada ao modo como a sociedade se mantém, se reproduz e se apropria da natureza no decorrer da história, em que a sabedoria

tradicional é considerada como o verdadeiro núcleo prático e intelectual (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009).

A Etnobotânica, a partir de meados do século XX, surgiu como campo interdisciplinar (XOLOCOTZI, 1982; PRANCE, 1991; MING; HIDALGO; SILVA, 2002) e compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora. Estudos e pesquisas etnobotânicas podem fornecer subsídios por documentação a trabalhos sob a perspectiva do uso sustentável da biodiversidade por intermédio do aproveitamento e valorização do conhecimento empírico do homem (CABALLERO, 1979; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; FERRO, 2006; VIU; VIU; CAMPOS, 2010).

Dessa forma, estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais pelas populações locais, abarcando os impactos de suas práticas sobre a biodiversidade, são fundamentais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). A zona rural brasileira, inclusive, se caracteriza como um contexto socioambiental com grande potencialidade para a pesquisa etnoecológica, no que concerne ao campo das transformações e temáticas relacionadas ao conhecimento ecológico local (PRADO; MURRIETA, 2015).

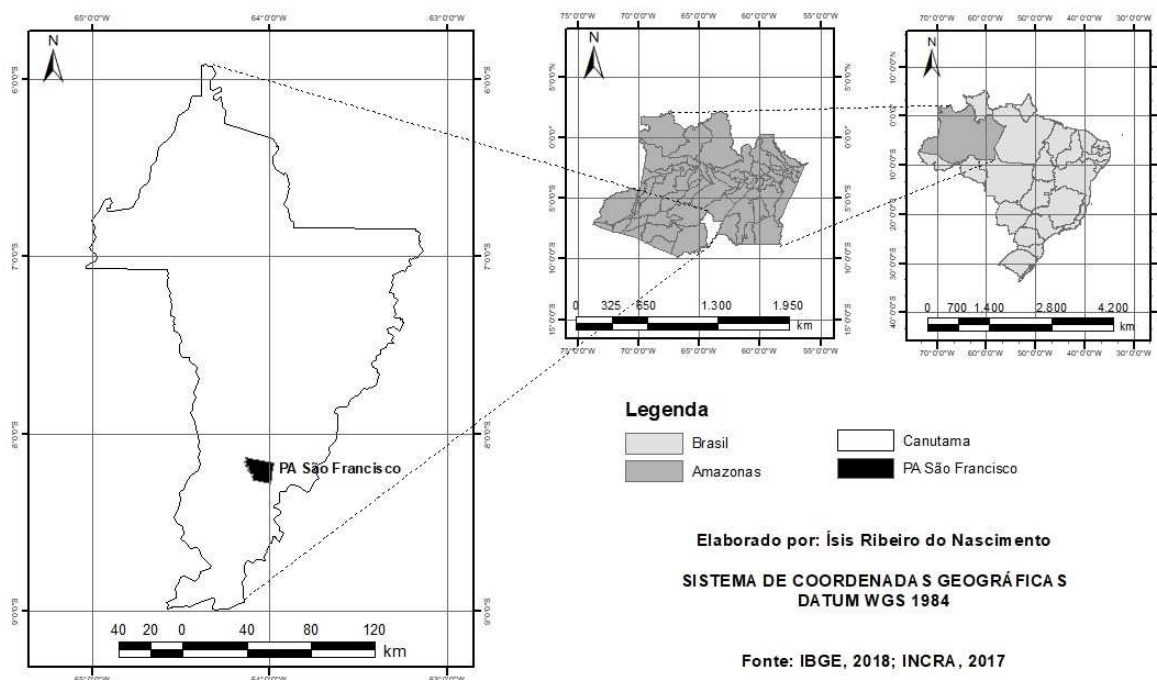
Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi caracterizar a composição e a diversidade florística dos quintais agroflorestais no assentamento São Francisco, situado no município de Canutama, no estado do Amazonas.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 ÁREA DE ESTUDO**

A pesquisa foi realizada no Projeto de Assentamento (PA) São Francisco, situado no sul do município de Canutama, no estado do Amazonas, a 56 km de Porto Velho, capital do estado de Rondônia (NUPEAS, 2016; SOUZA; SILVA; SILVA, 2018), conforme visualizado na Figura 1.

Figura 1 - Localização do assentamento São Francisco, Canutama, Amazonas, Brasil.



Fonte: INCRA (2017) e IBGE (2018).

Canutama possui uma área de 33.642,568 km<sup>2</sup>, com população de 12.738 habitantes, sendo que 6.056 pessoas residem em área rural, segundo dados do Censo de 2010. Ainda conforme esse Censo, de 10.051 pessoas de 10 anos ou mais de idade 7.336 não frequentam a escola, e a respeito do nível de instrução, 7.437 pessoas não apresentam instrução e possuem Ensino Fundamental incompleto. De 2.955 domicílios particulares permanentes, 740 recebem mais de 1/2 a 1 salário mínimo e 51,6% desses domicílios denotam saneamento básico inadequado (IBGE, 2017).

Com relação à educação profissionalizante pública, Canutama possui somente uma unidade do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas - CETAM. A região na sede municipal e entorno se caracteriza pela prática extrativista de produtos florestais madeireiros e não madeireiros, atividade de pesca, agricultura familiar e de pequena escala. No sul de Canutama, destacam-se a pecuária e produção agrícola (WWF, 2017).

O assentamento São Francisco conta com uma extensão de 18.120 ha, dividido em sete vicinais, abrangendo 255 famílias assentadas, consoante dados do Instituto

Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2020). Entretanto, várias casas encontraram-se fechadas durante a realização da pesquisa, dado que alguns assentados não residiam de modo definitivo no local de estudo. Os lotes distribuídos a cada família possuem área de 600.000 m<sup>2</sup>.

O PA São Francisco está na quinta fase, entre as sete fases de implementação de assentamentos, na qual é desenvolvida a implantação de infraestrutura básica na comunidade rural (CARVALHO, 2019).

Embora haja um posto de endemias (FUNASA), não foi possível encontrar profissionais de saúde (SOUZA; SILVA; SILVA, 2018) e, em consequência, não há funcionamento. Estão funcionando apenas duas escolas com Ensino Fundamental regular (BARBOSA, 2019).

O assentamento é caracterizado pelo desenvolvimento de atividades extrativistas e agricultura familiar, com produção de culturas como guaraná (*Paullinia cupana* Kunth), que é escoada pela BR-319 (NOGUEIRA et al., 2017). Em alguns lotes ocorre criação de gado, o que evidencia a existência de pecuária. Podem ser encontrados na localidade outros animais, como galinhas, porcos e perus (CARVALHO, 2019).

## 2.2 SELEÇÃO DAS PROPRIEDADES E LEVANTAMENTO DE DADOS

Este projeto é vinculado a um “Projeto Eixo” submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, sob o número do parecer: 2.914.108. A amostragem foi não-probabilística intencional, com a utilização da técnica “bola de neve” (“*Snow ball*”) (BAILEY, 1994) para identificação dos informantes-chaves. Por intermédio de entrevistas semiestruturadas (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010) e formulários face a face (BERNARD, 2006), foram aplicadas questões aos responsáveis pela manutenção de 32 quintais inventariados, maiores de 18 anos, para o levantamento de dados primários, com visitas *in loco* aos lotes.

No processo de identificação das espécies, utilizou-se o método da turnê-guiada (BERNARD, 1988), também conhecida como “caminhada etnobotânica” (“*walk-in-the-woods*”), com o objetivo de averiguar e validar os nomes das plantas mencionadas no decorrer das entrevistas, visto que o nome popular de uma espécie

pode mudar entre regiões e também entre indivíduos de um mesmo local (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010).

As espécies citadas pelos entrevistados foram registradas por fotografias *in loco*, para serem comparadas com material depositado no Herbário da UFAM, chaves de identificação e consulta à literatura especializada. Os nomes científicos de algumas espécies com os respectivos autores foram confirmados e atualizados nos endereços eletrônicos do Missouri Botanical Garden ([www.tropicos.org](http://www.tropicos.org)), na lista de espécies Flora do Brasil 2020 ([floradobrasil.jbrj.gov.br](http://floradobrasil.jbrj.gov.br)) e Angiosperm Phylogeny Group - APG IV ([www.mobot.org](http://www.mobot.org)).

### 2.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise de similaridade florística dos quintais foi realizada por meio do Índice de Similaridade de Jaccard, que é dado pela equação:  $S_j = a/(a+b+c)$ , onde “a” corresponde ao número de espécies comuns às comunidades 1 e 2, “b” corresponde ao número de espécies que ocorrem apenas na comunidade 2; e “c” corresponde ao número de espécies que ocorrem apenas na comunidade 1 (ODUM, 1988). Esse índice expressa a semelhança entre ambientes, baseando-se no número de espécies. Para a análise dos dados utilizou-se o programa Excel versão 2016 para Windows, sendo realizada a estatística descritiva mediante a codificação por tabulação simples e distribuição de porcentagens.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grande parte dos entrevistados foi composta por mulheres (59,4%). Dessa forma, presumiu-se a prevalência do etnoconhecimento feminino referente ao cultivo de espécies vegetais. Na concepção de Quaresma (2015), as mulheres são vistas como as principais responsáveis pela manutenção dos quintais agroflorestais, tomando decisões e assumindo o controle de práticas de manejo cotidianas, propiciando o enriquecimento desses espaços com a socialização de conhecimentos tradicionais transmitidos entre elas, especialmente acerca do cuidado com esses locais.



Com relação à idade, a média foi 51 anos, sendo que 59% dos entrevistados pertenciam à faixa etária entre 41 e 60 anos, na qual constatou-se maior número de citações de plantas.

No que diz respeito ao tempo de residência, a maior parcela dos informantes (44%) mora no assentamento entre 10 e 20 anos. Os moradores que citaram maior quantidade de plantas vivem na área de estudo há mais de 15 anos.

A composição florística dos quintais agroflorestais do assentamento (Figura 2) indica grande riqueza de plantas, com registro de 140 espécies, sendo 64 medicinais e 42 alimentares. As famílias que se destacaram, em relação à diversidade de espécies, foram: Lamiaceae (11 spp.) e Asteraceae (8 spp.) (Tabela 1). A família Lamiaceae apresenta como principal característica o aroma significativo e facilmente distinto, e sua comercialização possui relevância para as indústrias cosmética e farmacêutica (TRINDADE et al., 2016). A família Asteraceae contém grande quantidade de gêneros e espécies no Brasil, além de possuir importância econômica, com espécies apícolas, aromáticas, comestíveis, inseticidas, medicinais, oleaginosas e ornamentais cultivadas (SILVA; HONORÉ, 2019).

Uma provável justificativa para a predominância das famílias citadas pode ser o fato de elas mesmas possuírem elementos úteis em diversas categorias de uso. Essas famílias frequentemente possuem posição de destaque em estudos etnobotânicos feitos em quintais, a exemplo de Sousa, Oliveira e Conceição (2014), que afirmaram a importância delas na segurança e complementação alimentar; na ornamentação das residências e sombreamento; no uso medicinal e na contribuição da renda familiar.

Figura 2 - Localização dos quintais agroflorestais no assentamento São Francisco, Canutama, Amazonas, Brasil.

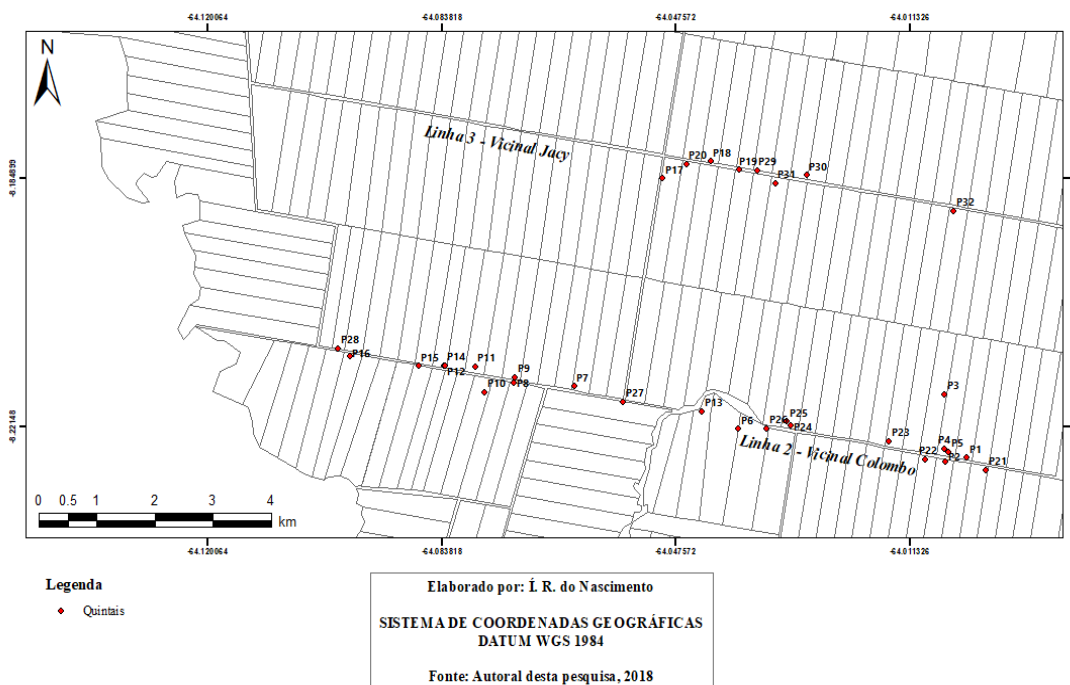


Tabela 1 - Família, espécie, nome popular, uso, origem e hábito das espécies vegetais encontradas nos quintais do assentamento São Francisco, Canutama, Amazonas, Brasil.

Família/Espécie	Nome popular	Uso <sup>1</sup>	Origem <sup>2</sup>	Hábito <sup>3</sup>
<b>Acanthaceae</b>				
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Cumaruzinho	Med	N	Herb
<b>Alismataceae</b>				
<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Chapéu-de-couro	Med	N	Herb
<b>Amaranthaceae</b>				
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina Dipirona	Med	N	Herb
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Med	E	Herb
<i>Spinacia oleracea</i> L.	Espinafre	Ali	E	Herb
<b>Anacardiaceae</b>				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Ali	N	Árv
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Ali	E	Árv
<b>Annonaceae</b>				
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Ali/Med	E	Árv
<i>Plumeria sucuuba</i> (Spruce ex Müll. Arg.)	Sucuba	Med	N	Árv



<b>Apocynaceae</b>				
<i>Adenium obesum</i> L.	Rosa-do-deserto	Orn	E	Herb
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	Ali	N	Árv
<b>Araucariaceae</b>				
<i>Pinus X Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze.	Pinheiro	Orn	E	Arbus
<b>Arecaceae</b>				
<i>Astrocaryum</i> sp.	Tucumã	Ali	N	Árv (palmeira)
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Pupunha	Ali	N	Árv (palmeira)
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Ali	E	Árv (palmeira)
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	Ali/Cond/Med	N	Árv (palmeira)
<i>Mauritia flexuosa</i> Mart.	Burití	Ali	N	Árv (palmeira)
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Abacaba	Ali	N	Árv (palmeira)
<b>Asteraceae</b>				
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R. K. Jansen	Jambu Agrião	Med	E	Herb
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Marcela	Med	N	Herb
<i>Ayapana lanceolata</i> R.M.King & H.Rob.	Japana branca	Med	N	Subarbus
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Med	N	Herb
<i>Pectis brevipedunculata</i> (Gardner) Sch. Bip.	Chá-de-moça	Med	N	Herb
<i>Tithonia diversifolia</i> Hemsl.	Flor-do-Amazonas	Orn	E	Herb
<i>Vernonia polysphaera</i> Less	Assa-peixe	Med	N	Herb
<i>Xanthium spinosum</i> L.	Ponta livre	Med	E	Herb
<b>Bignoniaceae</b>				
<i>Crescentia cujete</i> L.	Cuieira Cuetê	Ali	E	Árv
<i>Fridericia chica</i> (Humb. & Bonpl.) L.G. Lohmann	Crajiru	Med	N	Arbus
<i>Handroanthus impeginosu</i> (Mart. ex DC) Mattos	Ipê roxo	Orn	N	Árv
<b>Bixaceae</b>				
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum Colorau	Ali/Cond/Med	N	Arbus
<b>Bromeliaceae</b>				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Ali	E	Herb
<b>Burseraceae</b>				
<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	Mirra	Med	E	Herb
<b>Cactaceae</b>				
<i>Cryptocereus anthonyanus</i> (Alexander) D. Hunt	Cacto	Orn	E	Arbus

<b>Caricaceae</b>				
<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	Ali	E	Herb
<b>Chrysobalanaceae</b>				
<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Roseira	Orn	E	Herb
<b>Clusiaceae</b>				
<i>Platonia insignis</i> Mart.	Bacuri	Ali	N	Árv
<b>Convolvulaceae</b>				
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce	Ali/Med	E	Herb
<b>Crassulaceae</b>				
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Corama	Med	E	Herb
<b>Cucurbitaceae</b>				
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Ali	E	Herb
<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Ali/Med	E	Herb
<b>Euphorbiaceae</b>				
<i>Croton cajucara</i> Benth.	Sacaca	Med	N	Arbus
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião roxo	Med	N	Arbus
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Ali	N	Arbus
<b>Fabaceae</b>				
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca	Med	N	Árv
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	Med	N	Árv
<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	Jatobá	Ali	N	Árv
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingazeira	Ali	E	Árv
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L.P. Queiroz	Jucá	Med	N	Árv
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Med	E	Arbus
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão de corda	Ali	E	Herb
<b>Hydrangeaceae</b>				
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hortênsia	Orn	E	Herb
<b>Lamiaceae</b>				
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	Cordão-de-frade	Med	E	Árv
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Rubim Macaé	Med	E	Herb
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Med	E	Herb
<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt	Alfazema	Med	E	Herb
<i>Mentha</i> sp.	Vique	Med	E	Herb
<i>Mentha spicata</i> L.	Hortelãzinho	Med	E	Herb
<i>Ocimum canum</i> Sims	Alfavaca	Med	E	Herb
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	Med	E	Subarbus
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Hortelã Malva Malvarisco	Med	E	Herb
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	Med	E	Herb

<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo chinês	Med	E	Herb
<b>Lauraceae</b>				
<i>Aniba canellila</i> (Kunth) Mez	Preciosa	Med	N	Árv
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	Ali	E	Árv
<b>Lecythidaceae</b>				
<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Castanheira	Ali/Med	N	Árv
<b>Lomariopsidaceae</b>				
<i>Nephrolepis exaltata</i> L.	Samambaia	Orn	N	Herb
<b>Lythraceae</b>				
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Med	E	Arbus
<b>Malpighiaceae</b>				
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	Ali	E	Arbus
<i>Byrsonima spicata</i> (Cav.) DC.	Cura-tudo	Med	N	Árv
<b>Malvaceae</b>				
<i>Theobroma speciosum</i> (Willd) ex Spreng	Cacau do mato	Ali	N	Árv
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) Schum.	Cupuaçu	Ali	N	Arbus
<b>Meliaceae</b>				
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Med	N	Árv
<b>Moraceae</b>				
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Ali/Med	E	Arbus
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	Ali	E	Árv
<b>Myrtaceae</b>				
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Med	E	Árv
<i>Eugenia</i> sp.	Jambeiro	Ali	E	Árv
<i>Eugenia stipitata</i> Mc vaught	Araçá-boi	Ali	E	Arbus
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Ali	E	Arbus
<i>Myrciaria</i> sp.	Jabuticaba	Ali	E	Arbus
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Ali/Med	E	Árv
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitoneira	Ali/Med	E	Árv
<b>Marcgraviaceae</b>				
<i>Norantea guianensis</i> Aubl.	Rabo-de-arara	Orn	N	Arbus
<b>Musaceae</b>				
<i>Musa</i> sp.	Bananeira	Ali	E	Herb
<b>Nyctaginaceae</b>				
<i>Boerhavia erecta</i> L.	Pega-pinto	Med	E	Herb
<b>Orchidaceae</b>				
<i>Spathoglottis</i> sp.	Orquídea	Orn	E	Herb
<b>Oxalidaceae</b>				
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Ali	E	Arbus

<b>Papaveraceae</b>				
<i>Papaver somniferum</i> L.	Pampolha	Orn	E	Arbus
<b>Phytolacaceae</b>				
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Mucura-caá	Mág/Med	E	Subarbus
<b>Piperaceae</b>				
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Cana-de-açúcar	Ali	E	Herb
<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Elixir paregórico	Med	N	Arbus
<i>Piper cavalcantei</i> Yunck.	Pimenta-de-macaco Óleo elétrico	Med	N	Arbus
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta-do-reino	Ali	E	Herb
<i>Piper umbellata</i> L.	Capeba	Med	N	Subarbus
<b>Plantaginaceae</b>				
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	Med	N	Herb
<b>Poaceae</b>				
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Citronela	Orn	E	Herb
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo Capim cidreira	Med	E	Herb
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn	Pé-de-galinha	Med	E	Herb
<b>Portulacaceae</b>				
<i>Portulaca pilosa</i> L.	Amor-crescido	Med	N	Herb
<b>Pteridaceae</b>				
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl.	Avenca	Med	N	Herb
<b>Rubiaceae</b>				
<i>Coffea</i> sp.	Café	Ali	E	Arbus
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	Med	N	Árv
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Med	E	Árv
<b>Ruscaceae</b>				
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	Espada-de-São Jorge	Orn	E	Herb
<b>Rutaceae</b>				
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle.	Lima	Ali/Med	E	Árv
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão Limão-galego	Ali/Med	E	Árv
<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Limão-tangerina	Ali/Med	E	Árv
<i>Citrus sinenses</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	Ali/Med	E	Árv
<i>Citrus</i> sp.	Laranja lima	Ali	E	Árv
<i>Citrus reticulata</i> L.	Pocã	Ali	E	Árv
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Mág/Med	E	Herb
<b>Sapindaceae</b>				

<i>Paullinia cupana</i> Kunth	Guaraná	Ali/Cond/Med	E	Arbus
<i>Nephelium lappaceum</i> L.	Ramutã	Ali	E	Arbus
<b>Sapotaceae</b>				
<i>Pouteria caimito</i> Radlk.	Abiu	Ali/Med	N	Arbus
<b>Scrophulariaceae</b>				
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Med	N	Herb
<b>Siparunaceae</b>				
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Capitú	Med	E	Arbus
<b>Solanaceae</b>				
<i>Brunfelsia obovata</i> Benth	Pimenta-de-cheiro	Ali	E	Herb
<i>Capsicum annum</i> L.	Pimenta roxa	Ali	E	Herb
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta murupí	Ali	E	Herb
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	Ali	E	Herb
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	Med	E	Herb
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata	Ali	E	Herb
<b>Urticaceae</b>				
<i>Cecropia</i> Loefl.	Embaúba	Med	N	Árv
<i>Urtica</i> sp.	Erva daninha	Med	E	Herb
<b>Verbenaceae</b>				
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva-cidreira Cidreira	Med	E	Herb
<b>Xanthorrhoeaceae</b>				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.F	Babosa	Med	E	Herb
<b>Zingiberaceae</b>				
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.	Jardineira	Orn	E	Herb
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Med	E	Herb
<i>Renealmia petasites</i> Gagnep.	Óleo-de-perna	Med	N	Herb
<i>Zingiber officinale</i> R.	Gengibre Mangarataia	Med	E	Herb
N. I.	Arnica 1	Med	-	-
N. I.	Arnica 2	Med	-	-
N. I.	Arnica 3	Med	-	-
N. I.	Gota do Zeca	Med	-	-
N. I.	Guariba	Med	-	-
N. I.	Mão-de-anjo	Med	-	-
N. I.	Muricí	Ali	-	-
N. I.	Tajá	Orn	-	-
N. I.	Rosa	Orn	-	-
N. I.	Sova	Ali	-	-

N. I.	Rosa menina	Orn	-	-
-------	-------------	-----	---	---

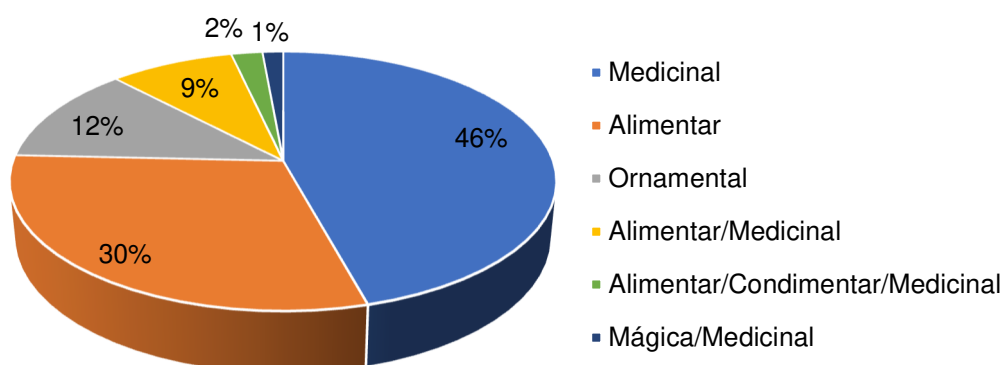
N. I. = não identificada

Ali = alimentar; Cond = condimento; Mág = mágica; Med = medicinal; Orn = ornamental  
 Árv = arbóreo; Arbus = arbustivo; Herb = herbáceo; Subarbus = subarbustivo

Os quintais são destinados ao manejo de árvores, arbustos e ervas, com usos distintos e múltiplos nas categorias: alimentar, condimento, mágica, medicinal e ornamental (Figura 3), cujos dados foram similares aos evidenciados nos estudos de Murrieta e Winklerprins (2003) em quintais agroflorestais amazônicos.

A função dos quintais agroflorestais no assentamento está representada, principalmente, pela produção de alimentos e remédios de plantas medicinais para autoconsumo, funcionando como uma importante fonte de nutrientes para os moradores. Nessa mesma visão, Trindade, Rebello e Kato (2010) ressaltam que no contexto da realidade amazônica os quintais agroflorestais permitem que as populações locais obtenham importantes fontes de nutrientes para sua segurança alimentar, especialmente a partir dos alimentos ricos em proteínas, vitaminas e sais minerais, além de serem espaços com aspectos culturais relacionados ao cotidiano e lazer das famílias. Esses aspectos também foram mencionados nos estudos de Noda (2000).

Figura 3 - Distribuição das espécies vegetais em categorias de uso em quintais agroflorestais, no assentamento São Francisco, Canutama, Amazonas, Brasil.





Ocorreu variação quanto à idade dos quintais, prevalecendo entre cinco e 10 anos (31%). A idade desses espaços é um dos fatores que contribuem para a diversidade de plantas (VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2012).

No tocante à origem, houve o predomínio de espécies exóticas com relação às nativas. Uma justificativa para essa prevalência seria a questão da necessidade do aumento da quantidade de espécies da farmacopeia local, conforme expõe Albuquerque (2006). Quanto ao hábito, predominaram as herbáceas (43%). A maior frequência de herbáceas ocorre em decorrência de a maioria ser destinada ao uso medicinal e alimentar (GUARIM NETO; AMARAL, 2010).

No que se refere ao Índice de Similaridade de Jaccard (ODUM, 1988) — que expressa a semelhança entre ambientes —, baseando-se no número de espécies em comum. Os resultados do coeficiente indicaram baixa similaridade entre os quintais quanto à composição florística, variando entre 0,03 (3%) e 0,19 (19%). De acordo com Mota (2007), o índice de similaridade de Jaccard dificilmente alcança valores superiores a 60%, devendo ser maior que 25% no caso de duas formações florestais serem consideradas como similares. Porém, os baixos valores de similaridade se devem, provavelmente, à grande variedade e dispersão das espécies.

Em estudo realizado por Silva, Ferreira e Santos (2021), também se constatou baixa similaridade, em média 25%, entre três fragmentos florestais na Amazônia Ocidental.

Esses dados mostram, também, que a proximidade entre os quintais não influenciou na similaridade desses sistemas por meio das redes de troca entre os moradores, como proposto por Gomes (2010).

Segundo Kawa, McCarty e Clement (2013), a estrutura de redes sociais de troca pode apoiar ou restringir a diversidade e distribuição de culturas. No caso do assentamento, essas redes contribuíram positivamente para a distribuição, propiciando acentuada variedade vegetal. Os informantes relataram que obtêm sementes e mudas, principalmente, de vizinhos. Por conseguinte, há o compartilhamento, que colabora para a transmissão do saber popular e utilização de diferentes espécies vegetais (CARVALHO, 2019).

Entre as plantas medicinais cultivadas no assentamento destacaram-se: boldo chinês (*Plectranthus ornatus* Codd), capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.),

crajiru (*Friderica chica* (Humb & Bonpl) LG.Lohmann), erva-cidreira ou cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E.Br. ex. P. Wilson), gengibre (*Zingiber officinale* (Willd) Roscoe) e hortelã-graúdo (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng). As plantas medicinais em assentamentos exprimem valor no que tange sua eficácia, e o conhecimento é passado entre as gerações ou aprimorado com as experiências do dia a dia, tal qual observado em estudo desenvolvido por Brito, Marín e Cruz (2017).

Observou-se, inclusive, certa influência da herança cultural indígena relativa aos conhecimentos constatados por meio do relato dos informantes. Ao passo que algumas tribos indígenas, como discorre Almeida (2011), apresentam rica experiência, observada por seus costumes, com determinadas plantas medicinais, como abajerú (*Chrisobalanus* sp.), capeba (*Piper umbellatum* L.), urucum (*Bixa orellana* L.), o guaraná (*Paullinia cupana* Kunth), utilizado internacionalmente como energético, a andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) e a copaíba (*Copaifera officinalis* (Jacq.) L.), das quais há a extração de óleo para o tratamento de doenças que afetam a pele, além da marapuama (*Acanthis virilis*), a qual obteve destaque internacional em função de atividade afrodisíaca. Não obstante, a autora enfatiza a crescente desvalorização cultural de populações indígenas ocasionada pelo contato com o homem branco.

As espécies alimentícias ocuparam a segunda colocação em relação às aplicações de usos locais, quais sejam: mangueira (*Mangifera indica* L.), bananeira (*Musa* sp.), açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e caju (*Anacardium occidentale* L.). Silva et al. (2017) desenvolveram um estudo acerca da composição florística em quintais agroflorestais em Bragança, no estado do Pará, e verificaram resultado similar ao observarem que, para o consumo familiar, entre as espécies mais utilizadas estão o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e o caju (*Anacardium occidentale* L.).

O cultivo de diferentes espécies vegetais no quintal agroflorestal favorece a biodiversidade local. A seleção das espécies é determinada por grande número de fatores socioeconômicos e ambientais, tais como hábitos de dieta, disponibilidade de sementes e mudas, número de membros da família, grau de parentesco com a comunidade, origem da família, fatores ambientais limitantes e demanda do mercado local (LOURENÇO et al., 2009; FRAXE, 2011).

Para Mendonça et al. (2007), o conhecimento disseminado de geração em geração consiste em um saber passado mediante relações de vivência e parentesco.

As crianças, ao acompanharem os adultos em atividades rotineiras, potencializam sua aprendizagem. Determinados conhecimentos são propagados aos mais jovens devido a grandes necessidades, como, por exemplo, extração de alguns recursos da natureza utilizados para tratar uma infecção, entre outras finalidades.

No assentamento, ocorre o cuidado, pela maioria dos informantes, em evitar a perda gradativa do conhecimento etnobotânico assimilado e transmitido aos jovens, em meio ao processo de aculturação pelo qual comunidades rurais estão sendo submetidas, como discorre Cassino (2010) ao tratar da “modernidade”, vista com assiduidade por pesquisadores no campo da etnobotânica como um dos motivos pelos quais verifica-se o desgaste na assimilação de conhecimentos etnofarmacológicos pelos mais jovens em populações da zona rural. Amorozo (2002) acrescenta que a “modernização” conduz ao surgimento de novas alternativas para o cuidado com a saúde e proporciona a redução na valorização da cultura local, atingindo, especialmente, a juventude, e fortalecendo a tendência para o abandono ou perda de práticas tradicionais.

A troca de informações e experiências adquiridas no cotidiano entre os vizinhos contribui, também, para os saberes populares sobre o uso e manejo, dado que determinadas espécies, não conhecidas previamente por um morador, passam a ser utilizadas por ele em virtude dos benefícios relatados por quem mora perto de sua casa. Ocorrem, ademais, alguns casos de troca de plantas, uma vez que nem todas as espécies das quais os informantes necessitam em dado momento encontram-se em seus quintais, situação similar encontrada em pesquisa desenvolvida por Gois et al. (2016), tornando evidente a grande importância dessa prática.

As formas de aquisição do conhecimento contribuem significativamente para o processo de construção e produção de saberes sobre as espécies, dado que o conhecimento adquirido é repassado e colocado em prática, podendo ser mantido ou sofrer variações, em conformidade com as necessidades e experiências de cada indivíduo.

Em geral, os moradores do assentamento costumam cultivar, em torno de suas residências, espécies selecionadas em conformidade com as suas necessidades e experiências. Sob diversos enfoques, as comunidades amazônicas frequentemente revelam, de forma detalhada, o que sabem acerca dos recursos vegetais, em um

processo ágrafo, oriundo da herança sociocultural (LUCAS; GURGEL; LOBATO, 2017), como pode ser observado nos seguintes relatos: “*As plantas que salvam a gente.*” (Informante feminino, 48 anos); “*É o que a gente acredita que vai resolver o problema.*” (Informante feminino, 25 anos).

Isso evidencia o papel do conhecimento etnobotânico na comunidade, dado que a Etnobotânica tem grande importância para as populações regionais no que tange à exploração e manejo de recursos para obtenção de remédios, alimentos e matérias-primas (FERRO, 2006), contribuindo para a conservação e uso sustentável das espécies vegetais no assentamento. O conhecimento etnoecológico também foi observado no assentamento, visto que se relaciona com a interação entre uma população humana local e seu ambiente natural (CASTANEDA; STEPP, 2007).

#### **4 CONCLUSÃO**

As espécies vegetais são cultivadas nos quintais agroflorestais, principalmente para o uso familiar, promoção de bem-estar e tratamento de doenças, conforme as necessidades dos residentes, sendo importantes fontes de recursos vegetais.

Os quintais retratam valores culturais, uma vez que sua manutenção é permeada pela transmissão e conservação de conhecimentos dos mantenedores no decorrer das gerações. O registro do conhecimento em torno do uso de espécies contribui para que não haja progressiva perda da identidade cultural de uma determinada população. Tal questão foi observada no assentamento, dado que os moradores procuram manter e preservar suas concepções, costumes e crenças, apesar do cenário atual de intensas mudanças globalizadas.

Os quintais agroflorestais não são ambientes naturais, e sim construídos, alterados e enriquecidos com plantas ao longo do tempo pelos moradores, contribuindo para a saúde e alimentação da comunidade. A diversidade de plantas observada nos quintais reflete o fato de que os assentados procuram cultivá-las, visando, especialmente, sua sobrevivência e subsistência.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C.A. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.3, p.273-285, 2002.
- ALBUQUERQUE, U.P. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.2, n.30, p.1-10, 2006.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. 3ª ed. p.39-64. Recife: NUPEEA, 2010.
- ALMEIDA, M.Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011.
- AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.2, p.189-203, 2002.
- BAILEY, K. **Methods of social research**. 4. ed. 588p. New York: The Free Press, 1994.
- BALÉE, W. Cultura na vegetação da Amazônia brasileira. In: NEVES, W.A. (Org.). **Biologia e ecologia humana na Amazônia: avaliação e perspectivas**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.
- BARBOSA, E.L. **Políticas públicas no campo no assentamento São Francisco no sul do Amazonas**. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2019.
- BERNARD, H.R. **Research Methods in Cultural Anthropology**. 1. ed. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1988.
- BERNARD, H.R. **Research Methods in Cultural Anthropology**. 4. ed. USA: Sage Publications, 2006.
- BRITO, M.F.M.; MARÍN, E.A.; CRUZ, D.D. Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. **Ambiente & Sociedade**, v.20, n.1, p.83-104, 2017.
- CABALLERO, J. La Etnobotánica. In: BARRERA, A. (ed.). **La Etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva**. p.27-30. Xalapa: INIREB, 1979.
- CARVALHO, D.S. **Preservação dos Saberes Tradicionais de Plantas Medicinais no Assentamento São Francisco, Canutama, Amazonas**. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2019.
- CASSINO, M.F. **Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais em Comunidades de Várzea do Rio Solimões, Amazonas e Aspectos Farmacognósticos de *Justicia pectoralis* Jacq. forma *mutuquinha* (Acanthaceae)**. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2010.



CASTANEDA, H.; STEPP, J.R. Ethnoecological Importance Value (EIV) methodology: assessing the cultural importance of ecosystems as sources of useful plants for the Guaymi People of Costa Rica. **Ethnobotany Research & Applications**, v.5, n.1, p.249-257, 2007.

FERRO, D. **Fitoterapia: conceitos clínicos**. 502p. São Paulo: Atheneu, 2006.

FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A.L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.18, n.1, p.177-190, 2004.

FRAXE, T.J.P. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. 2. ed, 224p. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPq, 2011.

GOIS, M.A.F.; LUCAS, F.C.A.; COSTA, J.C.M.; MOURA, P.H.B.; LOBATO, G.J.M. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Revista Brasileira de Plantas Medicináveis**, v.18, n.2, p.547-557, 2016.

GOMES, G.S. **Quintais agroflorestais no município de Irati - Paraná, Brasil: agrobiodiversidade e sustentabilidade socioeconômica e ambiental**. 2010. 143 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, v.1, n.29, p.191-212, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Canutama**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=130090>. Acesso em: 21 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Canutama**. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/canutama.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA. **Relatório Assentamentos** - Informações gerais. 2017. Disponível em: <http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>. Acesso em: abr. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA. **Projetos de Reforma Agrária conforme fases de implementação**. 2020. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/media/docs/reforma-agraria/assentamentos-geral.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

KAWA, N.C.; McCARTY, C.; CLEMENT, C.R. Manioc Varietal Diversity, Social Networks, and Distribution Constraints in Rural Amazonia. **Current Anthropology**, v.54, n.6, p.764-770, 2013.

LOURENÇO, J.N.P.; SOUSA, S.G.A.; WANDELLI, E.V.; LOURENÇO, F.S.; GUIMARÃES, R.R.; CAMPOS, L.S.; SILVA, R.L.; MARTINS, V.F.C. Agrobiodiversidade nos Quintais Agroflorestais em Três Assentamentos na Amazônia Central. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE AGROECOLOGIA, Curitiba, 2009. **Anais Curitiba: Universidade Positivo**, 2009.



LUCAS, F.C.A.; GURGEL, E.S.C.; LOBATO, G.J.M. Panorama dos estudos etnobotânicos na Amazônia - Caminhos para reflexão. In: LUCAS, F.C.A.; MORAES JÚNIOR, M.R.; JÉRÔME, L.; DAVIDSON, R.; COSTA JUNIOR, J. (Org.). **Natureza e Sociedades** - Estudos Interdisciplinares sobre Ambiente, Cultura e Religião na Amazônia. p.17-42. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

MENDONÇA, M.S.; FRANÇA, J.F.; OLIVEIRA, A.B.; PRATA, R.R.; AÑEZ, R.B.S. In: FRAXE, T.J.P.; PEREIRA, H.S.; WITKOSKI, A.C. (Orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. p.91-105. Manaus: EDUA, 2007.

MING, L.C.; HIDALGO, A.F.; SILVA, S.M.P. A Etnobotânica e a Conservação de Recursos Genéticos. In: ALBUQUERQUE, U.P. (Org.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. p.141-151. Recife: SBEE, 2002.

MOTA, A.C. **Comparação de duas metodologias multivariadas no estudo de similaridade entre fragmentos de floresta atlântica**. 2007. 74 f. Dissertação (Mestrado em Biometria) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2007.

MURRIETA, R.S.S.; WINKLERPRINS, A.M.G.A. Flowers of water: homegardens and gender roles in a riverine caboclo community in the lower Amazon, Brazil. **Culture and Agriculture**, v.25, n.1, p.35-47, 2003.

NODA, S.N. **Na terra como na água: organização e conservação de recursos terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira**. 2000. 182 p. Tese (Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2000.

NOGUEIRA, E.M.L.; MASCARENHAS, S.A.N.; MENDONÇA, M.F.; MORAIS, L.M.; COSTA, J.I. Recursos Naturais: Conflitos no uso dos recursos no sul do Amazonas e Alto Solimões, desafios da cidadania na Amazônia brasileira. In: MASCARENHAS, S.A.N.; ARAÚJO, J.N. (Coords.). **Desafios para o exercício da cidadania, qualidade de vida e inclusão socioeconômica na Amazônia**. São Paulo: Loyola, 2017. p.327-346.

NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM AMBIENTE, SOCIOECONOMIA E AGROECOLOGIA - NUPEAS. **Instalação de sistema de irrigação na Unidade Agrícola Participativa/UAP do PA São Francisco em Canutama/AM**. 2016. Disponível em: <http://nupeas.blogspot.com.br/2016/03/instalacao-de-sistema-de-irrigacao-na.html>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ODUM, E.P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PEREIRA, C.N.; MANESCHY, R.Q.; OLIVEIRA, P.D.; OLIVEIRA, I.K.S. Caracterização de Quintais Agroflorestais no Projeto de Assentamento Belo Horizonte I, São Domingos do Araguaia, Pará. **Agroecossistemas**, v.2, n.1, p.73-81, 2010.

PRADO, H.M.; MURRIETA, R.S.S. A Etnoecologia em Perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de um campo em ascensão. **Ambiente & Sociedade**, v.18, n.4, p.139-160, 2015.

PRANCE, G.T. What is ethnobotany today? **Journal of Ethnopharmacology**, v.32, n.1, p.209-216, 1991.

QUARESMA, A.P. Mulheres e Quintais Agroflorestais: A “Ajuda Invisível” aos Olhos que garante a Reprodução da Agricultura Familiar Camponesa Amazônica. In: HORA, K.; REZENDE, M.; MACEDO, G. (Orgs.). **Coletânea sobre estudos rurais e gênero**: Prêmio Margarida Alves. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p.35-43, 2015.

RONDON NETO, R.M.; BYCZKOVSKI, A.; WINNICKI, J.A.; SIMÃO, S.M.M.; PASQUALOTTO, T.C. Os Quintais Agroflorestais do Assentamento Rural Rio da Areia, Município de Teixeira Soares, PR. **Cerne**, v.10, n.1, p.125-135, 2004.

ROSA, L.S.; SILVEIRA, E.L.; SANTOS, M.M.; MODESTO, R.S.; PEROTE, J.R.S.; VIEIRA, T.A. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança - PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.2, p.337-341, 2007.

SILVA, H.K.M.; GAMA, J.R.V.; SOUSA, R.J.A.; LAMEIRA, M.K.S.; COSTA, D.L.; OLIVEIRA, D.V.; ROCHA, J.S.; OLIVEIRA, T.G.S. Composição florística de quintais agroflorestais na Vila Cuera, Bragança, Pará. **Agroecossistemas**, v.9, n.2, p.330-338, 2017.

SILVA, O.B.; HONORÉ, E.A.D. Ocorrência da família Asteraceae e sua relação com a acidez do solo no município de Mirante da Serra - RO. **Biodiversidade**, v.2, n.18, p.73-78, 2019.

SILVA, S.P.; FERREIRA, E.J.L; SANTOS, L.R. Fitossociologia e diversidade em fragmentos florestais com diferentes históricos de intervenção na Amazônia Ocidental. **Ciência Florestal**, v.31, n.1, p.233-251, 2021.

SOUSA, D.A.; OLIVEIRA, A.A.; CONCEIÇÃO, G.M. Agrobiodiversidade em quintais familiares no município de Caxias, Maranhão. **Enciclopédia Biosfera**, v.10, n.18, p.3129-3139, 2014.

SOUZA, A.L.; SILVA, V.V.; SILVA, T.A. Políticas públicas e suas influências ambientais em assentamentos rurais no sul do estado do Amazonas. **Educação Ambiental em Ação**, v.17, n.63, p. [s.p], 2018.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.1, n.20, p.31-45, 2009.

TRINDADE, E.F.S.; REBELLO, F.K.; KATO, O.R. Agroecossistemas como alternativa de desenvolvimento na Amazônia: experiências em comunidades rurais no nordeste paraense (PA). In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, Porto de Galinhas, 2010. **Anais eletrônicos...** Porto de Galinhas: CLASR, 2010.

TRINDADE, E.L.; GARCIA, F.; FERREIRA, R.; PASA, M.C. Lamiaceae - Levantamento de dados das plantas medicinais recorrentes no estado de Mato Grosso presentes no Herbário UFMT *Campus* de Cuiabá - MT. **Biodiversidade**, v.15, n.2, p.183-190, 2016.



VIEIRA, T.A.; ROSA, L.S.; SANTOS, M.M.L.S. Agrobiodiversidade de quintais agroflorestais no município de Bonito, estado do Pará. **Revista de Ciências Agrárias**, v.55, n.3, p.159-166, 2012.

VIU, A.F.M.; VIU, M.A.O.; CAMPOS, L.Z.O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.5, n.1, p.138-147, 2010.

XOLOCOTZI, E.H. El concepto de Etnobotânica. *In: Memórias del Simposio de Etnobotânica*. p.12-17. Cidade de México, 1982.

WWF - Brasil. **Perfil socioeconômico e ambiental do sul do estado do Amazonas**: Subsídios para Análise da Paisagem. 2017. Disponível em: [https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/perfil\\_sul\\_amazonas.pdf](https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/perfil_sul_amazonas.pdf). Acesso em: 26 jul. 2021.